

Editorial

Este é o décimo número de **Geograficidade**, completando quatro anos de atividades em que a revista tem se constituído como uma referência na publicação de um temário que aparecia de forma difusa nas páginas dos periódicos nacionais.

Outra marca desta curta vida, é o esforço de publicar traduções de textos importantes que, mesmo sendo já conhecidos ou utilizados pelos autores brasileiros, não tinham uma ampla repercussão nos trabalhos. A tradução (ou edições bilíngues) tem se mostrado fundamental para contribuir na consolidação e aprofundamento dos estudos humanistas, fenomenológicos e culturais neste campo interdisciplinar onde estão a geografia, a arquitetura e o urbanismo, a história, as artes, a educação, etc.

Neste número, por exemplo, temos o prazer de publicar a tradução de um dos textos clássicos que foram responsáveis por lançar as condições para que o movimento humanista em geografia pudesse se desenvolver nos anos 1960 e 1970. "*Terrae incognitae: o lugar da imaginação em geografia*", do então presidente da Associação dos Geógrafos Americanos, John K. **Wright**, de 1947, é um texto fundamental que marcou gerações de geógrafos.

Proferido como conferência presidencial em 1946, o texto de Wright é pioneiro e inventivo, instigante e provocador, instando os geógrafos a buscarem ir além das fronteiras da disciplina científica, ouvindo o "canto das Sereias", em direção às terras desconhecidas, a utilizar a imaginação e a subjetividade estética. Wright, que dedicou a vida à geografia histórica, em uma aspiração visionária, propõe retomar o contato com as humanidades, abrindo-se para a literatura e as artes. Sua geosofia (geografia do conhecimento) tem inspirado geógrafos há décadas e por isso é, para **Geograficidade**, uma satisfação poder trazer finalmente a primeira tradução para o português do seu texto, com a expectativa que ele possa instar os novos geógrafos a abrirem-se para a imaginação e a subjetividade, como parte da geografia; uma geografia humanista e sensível.

Além de Wright, o número é composto por outros cinco artigos, dois artigos na seção "Notas e resenhas" e um em "Experimentações".

Os dois primeiros artigos possuem uma perspectiva filosófica mais explícita na condução do argumento. Ana Patrícia **Noguera** de Echeverri e Diana Alexandra **Bernal** Arias trazem uma perspectiva do pensamento ambiental latino

americano, em um diálogo com Heidegger e o habitar poético em “Geografias del habitar: un habitar geopoético en la Era Planetaria”. Já Priscila Marchiori **Dal Gallo**, em “A influência oriental no pensamento de Augustin Berque: a filosofia de Watsuji Tetsurô”, explora as relações entre o pensamento oriental e a fenomenologia, a partir das apropriações que o geógrafo francês realiza do diálogo entre o filósofo japonês e Martin Heidegger.

A grande mobilidade e as mudanças no sentido de viagem no atual mundo contemporâneo é o cerne de “Os verbos e nomes do viajar: por uma geografia do deslocamento”, de Fernanda Ribeiro **Amaro** e Carlos Rodrigues **Brandão**, explorando os sentidos de uma geografia afetiva, transmitidos pela subjetividade e expressos nos relatos dos viajantes, nos verbos e nos nomes do viajar.

Os demais dois artigos concentram-se em diálogos da geografia com a arte, no caso a música e a literatura.

Thiago Rodrigues **Gonçalves** navega pelo samba rural paulista em “Lugar como reunião: os lugares-samba paulistas”, mostrando o papel dos lugares para a manifestação e permanência desta manifestação cultural. Já Felipe Cabañas da **Silva**, em “Geografia e lirismo social em ‘Sentimento do mundo’, de Carlos Drummond de Andrade”, explora os sentidos geográficos e o lirismo social expressos na obra do grande poeta, ampliando a biblioteca poética dos geógrafos brasileiros.

Na Seção “Notas e Resenhas”, Letícia **Pádua** escreve uma nota sobre a produção recente de Yi-Fu Tuan, “Dear Colleague”: pensamentos acerca do livro “Romantic Geography: in search of the sublime landscape”, enquanto Henrique Fernandes **Moreira Neto** reflete sobre as possibilidades de diálogo entre a teoria de Humberto Maturana e a geografia humanista em “Autopoiese geográfica: aproximações com a geografia humanista”.

O número termina com “Abrindo a janela”, na seção “Experimentações”, texto feito por Sára Oliveira **Honorato**.

Agradecemos a todos os colaboradores, pareceristas, autores e leitores que têm participado desta construção coletiva e suas possibilidades.

Os editores